

An illustration of a woman with long black hair, wearing a green kimono with a red and white grid pattern. She is holding a red book in her right hand. The background is a light beige color with scattered red cherry blossom petals and branches. The text 'nova escola' is written in white on two red rectangular backgrounds in the upper left corner.

nova

escola

Sei Shônagon, a dama escritora do Japão feudal

Olhar para os escritos de Sei Shônagon é descobrir um Japão que nós, do Ocidente, sequer imaginamos. Tudo pelo olhar detalhista e perspicaz de uma mulher de mil anos atrás

O que você vai encontrar neste e-book?

1. A dama escritora da Corte Imperial _____ 03
2. Pioneira na literatura _____ 05
3. Por que conhecer Sei Shônagon no Século XXI? _____ 10
4. Para saber mais _____ 03

1 A dama escritora da Corte Imperial

Olhar para os escritos de Sei Shônagon é descobrir um Japão que nós, do Ocidente, por vezes sequer imaginamos. Mas não só: os escritos desta pioneira da literatura, com seus relatos cotidianos ricos em humor, referências e delicadeza, nos leva também a mergulhar em seu pensamento e visualizar, com riqueza de detalhes, o que foi, para ela, ser mulher há mais de mil anos.

Pouco se sabe sobre a vida de Sei Shônagon, sua data de nascimento provável é o ano de 966, na família Kiyohara ou Kiyowara. Não se sabe nem mesmo o nome real da escritora. Sei Shônagon é o apelido que recebeu enquanto atuava como servidora da Consorte Imperial Teishi, esposa principal do Imperador Ichijô (980-1011, no trono desde 986 até sua morte). Era comum à época as damas de companhia receberem um novo nome, composto pelo ideograma do nome de família. No caso dela, 清 de leitura chinesa 'Sei', provinha do sobrenome 清原 (Kiyohara ou Kiyowara), somado ao cargo ocupado por um dos parentes masculinos mais próximos, 少納言 Shônagon, que designa conselheiro de baixo escalão ou

conselheiro assessor. O pai de Sei Shōnagon, Kiyowara Motosuke, além de provavelmente ter exercido esse cargo, era muito respeitado pelo conhecimento da cultura chinesa e por ser poeta. O avô da escritora, Fukayabu, também era poeta.

Em 1993 Sei foi convocada pelo Conselheiro-Mor Fujiwarano Michitaka para servir a Corte de sua filha, Teishi, em Quioto, então capital do Império. Iniciou, possivelmente aos 27 anos, suas atividades na Ala Feminina do Palácio Imperial, e logo começou a escrever os textos que compõem O Livro do Travesseiro, considerado uma das primeiras obras literárias de que se tem registro.

Suas atividades na Corte consistiam em atender a quaisquer solicitações da Imperatriz Teishi, mas o salão das damas era um local rico em arte e poesia, talento muito valorizado entre homens, e também mulheres, da época. “No período em que viveu, as mulheres recebiam educação primorosa, sendo que as consortes imperiais e as sacerdotisas mantinham salões com as mais reputadas damas, todas versadas nas artes recreativas e culturais do gosto dominante na época”, conta Madalena Hashimoto Cordaro, livre-docente em Literatura e Arte japonesa da Universidade de São Paulo, uma das tradutoras de O Livro do Travesseiro para o português e autora do prefácio da edição brasileira.

Além destas poucas informações biográficas, tudo o que se sabe sobre Sei Shōnagon vem do próprio Livro do Travesseiro, que reúne notas, listas, impressões pessoais, eventos cotidianos da corte, regras de bom comportamento em festividades, enfim, tudo o que é permitido incluir-se no gênero literário japonês conhecido como sōshi (notas esparsas) ou zuihitsu (ao correr do pincel). Outra referência à autora, vem em uma nota maldosa no diário de Murasaki Shikibu, autora do romance Genji Monogatari, e possível rival intelectual de Sei Shōnagon.

Por volta do ano 1000, com a morte da Imperatriz Teishi, não se tem mais registros de Sei Shōnagon na corte, pois ascende ao poder a Imperatriz Shōshi, que elege como dama de companhia justamente Murasaki Shikibu. A tradição diz que o Livro do Travesseiro foi escrito por volta dos anos 1001 e 1010, quando Sei Shōnagon já vivia retirada da corte, possivelmente como monja em um templo budista. Este dado também é incerto, outras versões históricas dão conta que o livro teria sido concluído ainda em 1001. Afastada da corte, Sei falece em Quioto, por volta de 1020.

2 Pioneira na literatura

Os escritos de Sei Shônagon atravessaram os séculos e chegaram aos dias de hoje com o título de uma das obras literárias mais antigas de que se tem registro. O Livro do Travesseiro reúne textos – em sua maioria curtos, de apenas uma linha ou pouco mais de três páginas – onde Sei descreve o cotidiano da Corte Imperial, seus pensamentos, aforismos e observações sobre arte, poesia e natureza.

Para os estudiosos da obra de Sei, ela se diferencia pela capacidade de produzir ideias inusitadas e sacadas inteligentes em cada um de seus textos, jogando luz e frescor tanto nos pequenos fatos do cotidiano no Palácio Imperial, como nas sutis interações da vida social e a refinada trama de valores estéticos que organiza praticamente todas as esferas da cultura. “Ela se destaca também pelo caráter bem humorado, crítico e por vezes sarcástico”, observa Madalena. *O Livro do Travesseiro* é composto por mais de trezentos textos que, lidos em sequência ou de forma aleatória, compõem um inventário dos afetos, da sensibilidade e do conhecimento de uma época, filtrados pela ótica da escritora. “Trata-se de um verdadeiro recenseamento dos costumes, práticas

e mentalidades do período Heian - aquele em que se forma e sistematiza a estética propriamente japonesa”, explica Madalena.

No Ocidente, Sei conta com admiradores de peso. O escritor argentino Jorge Luis Borges traduziu parcialmente *O Livro do Travesseiro* para o espanhol e o diretor inglês Peter Greenaway se inspirou na obra para criar o premiado filme *The Pillow Book*.

3 Por que conhecer Sei Shônagon no Século XXI?

Como explicar que um livro escrito há mais de mil anos, por uma dama da corte, numa sociedade tão diversa da nossa quanto o Japão feudal, possa tocar o leitor contemporâneo? Para Madalena, além de dados históricos, há observações de comportamento, psicologia, juízo e natureza que certamente chamam a atenção de meninas – e meninos – do mundo contemporâneo.

Além disso, seus textos curtos podem ser lidos sem ordem específica e trabalhados de forma não sequencial. “São listas interessantes de categorias muito particulares e servem à prática contemporânea. Em especial, a descrição de vestuário, sua riqueza colorística, os jogos de recitação e composição de poesia em passeios especiais fazem o estudo se tornar uma brincadeira prazerosa, mas competitiva”, destaca Madalena. Para ela, este caráter lúdico instiga a imaginação. “As observações da natureza, a sazonalidade, a beleza e tristeza das coisas efêmeras também são apreciadas”, algo rico para discussões contemporâneas.

Para as meninas, saber da influência e obra de uma mulher de tempos tão remotos, numa cultura tão diferente da ocidental, pode ser particularmente interessante. “Hoje, em que a presença feminina nas escolas é até superior à dos homens, ler escritos das damas nipônicas inspira o conhecimento da história, da diferença cultural, de cultivos artísticos”, observa Madalena. Além disso, ressalta a pesquisadora, o fato de ter existido mulheres que escreveram contos, romances, ensaios, diários e poemas que perduraram por mais de um milênio é um diferencial importantíssimo.

Ainda por meio dos escritos de Sei é possível conhecer a riqueza das relações e dos papéis exercidos pelas mulheres na cultura do Japão feudal, tão diferentes dos europeus. Ou seja, um mergulho num tempo e espaço que ajudam a limpar o olhar eurocêntrico que temos do passado.

Madalena pondera que o fato de se saber que o Japão era uma sociedade poligâmica produz uma imagem da mulher inferiorizada, objetificada, como ocorreu em algumas culturas orientais. Porém, o que vemos no caso japonês, por motivos políticos, é uma valorização feminina por sua aproximação à casa imperial. “Os hábitos das damas, diferentes dos da Europa, têm outros valores e mostram uma independência notável. Os casais não viviam juntos,

as damas saem de suas casas e servem na corte por tempo determinado, o que depende de sua habilidade poética e discernimento estético”, afirma.

Segundo Madalena, a hierarquia era muito importante, mas as damas podiam ascender conforme seu talento na poesia. A pesquisadora explica que essas damas faziam parte de um sistema de gosto estético e poesia que está presente até hoje na cultura japonesa. “Basta olhar para a relevância de arquitetos, estilistas e designers japoneses renomados”, lembra.

A valorização da criação artística feminina no Japão, no entanto, sofre um hiato depois do período Heian (794-1185) - marcado por importante desenvolvimento cultural e, principalmente pela forte literatura feminina. Mulheres só apareceram novamente como autoras literárias no no país a partir do século XIX. “Isso mostra que o domínio dos guerreiros na história japonesa foi uma lástima para a liberdade feminina, que desaparece do cenário cultural, com exceção do campo da dança e da música”, conclui Madalena.

4 Para saber mais

Escritoras asiáticas de todos os tempos



Narrativas de genji, de Murasaki Shikibu (por volta do ano 1000)

Tido como o primeiro romance do mundo, foi escrito no mesmo tempo de O Livro do Travesseiro. Diferentemente da obra de Sei Shônagon, trata-se de 56 livros (ou capítulos) que acompanham a trajetória de Hikaru Genji e seus filhos. É o grande clássico da literatura japonesa, tendo-se derivado dele pinturas, poemas, gravuras, paródias, versões em filmes, animês e mangás.



Diário de Sarashina, de Sarashina Nikki (por volta do ano 1000)

Diário escrito pela filha de Sugawara-no Takasue relatando sua viagem para a capital Heian, atual Quioto. É importante por ter sido a primeira obra a relatar uma peregrinação de viagem, entremeada a reflexões literárias e descrições de lugares belos e místicos.



Relatos de um gato viajante, de Hiro Arikawa (2017)

O gato Nana está viajando pelo Japão. Ele não sabe muito bem para onde está indo ou por que, mas ele está sentado no banco da van prata de Satoru, seu dono. Lado a lado, eles cruzam o país para visitar velhos amigos. Narrado em vozes alternadas, esse romance emocionante e divertido nos mostra um jovem de grande coração e um narrador-gato, numa amizade que desafia as fronteiras de um país e da própria vida.



A vegetariana, de Han Kang (2007)

Romance perturbador e único, tem sido apontado como um dos livros mais importantes da ficção contemporânea e uma introdução à literatura produzida na Coreia do Sul. Narrado a três vozes, o romance apresenta o distanciamento progressivo da condição humana de uma mulher que decidiu deixar de ser aquilo que marido e família a pressionaram a ser a vida inteira.



A valise do professor, de Hiromi Kawakami
(2012)

Tsukiko tem quase 38 anos, trabalha em uma firma e nas horas vagas bebe no bar de Satoru. Nunca foi casada e aparentemente não se importa com isso. Leva uma vida calma e sem grandes emoções, até que passa a encontrar um professor do ensino médio no mesmo bar que frequenta.



Coração azedo, de Jenny Zhang
(2017)

Uma coleção de contos que constrói um retrato franco e subversivo da experiência de imigrantes asiáticas nos Estados Unidos.

nova

escola



Este ebook é parte integrante do **Nova Escola Box de Março**. Fique livre para compartilhar com outras professoras e alunos, e caso queira conferir outros conteúdos para suas aulas, acesse no QR code acima ou **[clique aqui!](#)**

Reportagem
**DIMALICE
NUNES**

Edição
MIGUEL MARTINS

Revisão
ALI ONAISSI

Ilustrações
JULIA COPPA

Diagramação
DUDA OLIVA